

A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS

Anita Kon

Professora do Departamento de Planejamento e Análise Econômica da EAESP/FGV e da PUC-SP.

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da mudança do papel dos serviços no contexto do comércio internacional. Enfoca, inicialmente, o desenvolvimento do embasamento tecnológico e da reestruturação produtiva, antecedente ao processo de internacionalização de serviços, que resultou nessa transformação. Examina, em continuidade, os condicionantes econômicos da internacionalização dos serviços que conduziram à revisão da natureza *non-tradable* dessas atividades, apresentando uma análise da dinâmica diferenciada desse processo em países de níveis diversificados de desenvolvimento. Finalmente, discute os efeitos regionais causados por esse processo de difusão internacional da comercialização dos serviços.

ABSTRACT

This paper aims to analyse the changes in the role of services in the external trade context. First, it focuses the development of the technological and productive restructuring bases, preceding the process of internationalization of services, that resulted in this transformation. Following, it examines the economic conditioning of service internationalization, which led to the revision of the non-tradable nature of these activities, and it analyses the diversified dynamics of this process in countries of several levels of development. Finally, it discusses the regional effects caused by this process of international diffusion of service commercialization.

PALAVRAS-CHAVE

Serviços, comércio internacional, progresso tecnológico, importações, exportações.

KEY WORDS

Services, international trade, technological progress, imports, exports.

INTRODUÇÃO

Nos anos mais recentes, desde a década de 80, observou-se, nas economias mundiais, o crescimento da velocidade das mudanças estruturais, que incluem, resumidamente, o aumento da internacionalização das atividades econômicas, a reorganização das firmas dominantes, a crescente integração da produção manufatureira com a de serviços, o incremento da utilização da tecnologia microeletrônica, a elevação, na indústria, da demanda por trabalhadores altamente qualificados, constatando-se a substituição de muitos trabalhos rotineiros por novas técnicas, a crescente complexidade

e volatilidade do consumo e, finalmente, a transformação do papel da intervenção estatal nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Essas mudanças foram interpretadas por alguns autores como uma mudança de uma sociedade fordista, baseada, em grande escala, na produção e no consumo em massa e suportada pelo gerenciamento da demanda global por parte do governo, bem como por gastos em bem-estar social (particularmente nas nações mais avançadas) (Kon, 1996).

Tradicionalmente, no âmbito dos fluxos econômicos, os serviços têm sido conside-

rados como não comercializáveis internacionalmente (*non-tradable*) devido à sua natureza não-material. À medida que, com a mudança tecnológica, os processos produtivos dos bens passaram gradativamente a se revelar intensivos em serviços, a eficácia da distribuição internacional das mercadorias e da difusão do conhecimento e da informação assume papel significativo no sistema econômico globalizado. Conseqüentemente, também se elevam a intensidade e a velocidade da comercialização internacional de serviços, que, na atualidade, são reconhecidos como mundialmente comercializáveis (*tradable*).

Este artigo apresenta uma análise da mudança do papel dos serviços no contexto do comércio internacional. Enfoca, inicialmente, o desenvolvimento do embasamento tecnológico e da reestruturação produtiva, antecedente ao processo de internacionalização de serviços, que resultou nessa transformação. Examina, em continuidade, os condicionantes econômicos da internacionalização dos serviços que conduziram à revisão da natureza *non-tradable* dessas atividades, apresentando uma análise da dinâmica diferenciada desse processo em países de níveis diversificados de desenvolvimento. Finalmente, discute os efeitos regionais causados por esse processo de difusão internacional da comercialização dos serviços.

OS ANTECEDENTES DO PROCESSO: A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL E DA PRODUÇÃO

A partir do desenvolvimento tecnológico nos sistemas de transportes (desde o século XVI), tem sido possível às nações a intensificação de suas inter-relações econômicas, ampliando o acesso a insumos e a mercados, com resultados na internacionalização econômica. Essa internacionalização, que desde aquele século tinha o caráter de trocas comerciais de mercadorias, intensificou-se na segunda metade do século XIX, passando da esfera da circulação de mercadorias para a da produção, com o desenvolvimento da indústria na Europa e o processo extremamente rápido de concentração da produção. Transformou-se,

nessas circunstâncias, na internacionalização do capital financeiro, como resultado da acumulação de capital nos bancos, que passam a atuar não só como intermediários, mas como monopolistas de capital-dinheiro, de meios de produção e de ma-

O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO ATUALMENTE OBSERVADO NO MERCADO MUNDIAL É, PORTANTO, UM PROCESSO HISTÓRICO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL, QUE SE DIFUNDIU COM MAIOR VELOCIDADE, PARTICULARMENTE A PARTIR DAS TRÊS ÚLTIMAS DÉCADAS, GRAÇAS AO AVANÇO TECNOLÓGICO.

téria-prima em vários países, unindo-se às empresas (Kon, 1994) no processo produtivo. Essa concentração dos excedentes de capital, que são exportados, resultou em um novo estágio de desenvolvimento industrial, já neste século, por meio de investimentos diretos das grandes empresas no exterior na produção de matérias-primas e de produtos manufaturados, em busca de mercados mais amplos, menores custos dos fatores produtivos e, de um modo geral, maior retorno do capital investido.

Particularmente a partir da Segunda Guerra Mundial, uma parte dos países, até então menos desenvolvidos, foram também conduzidos a um processo de industrialização e a uma nova divisão internacional do trabalho, que conservou, porém, uma desigualdade estrutural já consolidada anteriormente, resultante do monopólio do novo conhecimento científico e técnico. Esses países receberam esse conhecimento tecnológico já pronto, sem possuírem inicialmente o controle dessa técnica, e converteram-se apenas em base de fabricação mundial, sobretudo por oferecerem a vantagem de uma mão-de-obra barata.

Dessa maneira, com a continuidade dos avanços tecnológicos nas áreas de transportes e comunica-

ções do pós-guerra, o próprio aparato produtivo das empresas é deslocado para o exterior, inicialmente com a internacionalização da produção de produtos acabados. Posteriormente, a partir do final dos anos 60 (particularmente com o avanço da microeletrônica e da tecnologia da informação), em alguns setores, o processo de produção é internacionalizado, com o desenvolvimento de cada parte do processo em uma diferente região mundial. O fenômeno da globalização atualmente observado no mercado mundial é, portanto, um processo histórico de internacionalização do capital, que se difundiu com maior velocidade, particularmente a partir das três últimas décadas, graças ao avanço tecnológico.

Nesse contexto, desde a década de 80, configurou-se uma nova etapa, mais avançada e veloz, de transformações tecnológicas e de acumulação financeira, intensificando a internacionalização da vida econômica, social, cultural e política. Observou-se, então, que as atividades econômicas passaram progressivamente a se desenvolver independentemente dos recursos de um território nacional, sejam recursos naturais ou “construídos pelo homem”. Essa desterritorialização tem como causas o padrão do progresso técnico, a preferência dos consumidores, a organização corporativa e/ou políticas públicas de governos nacionais, o que favorece a maior mobilidade dos fatores produtivos sem perda de eficiência, competitividade e rentabilidade (Lerda, 1996).

Como salienta Milton Santos (1994), a noção de território, na atualidade, transcende a idéia apenas geográfica de espaços contíguos vizinhos que caracterizam uma região, estendendo-se para a noção de rede, formada por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais; o espaço econômico, nesse sentido, é organizado hierarquicamente, como resultado da tendência à racionalização das atividades, e se faz sob um comando que tende a ser concentrado em cidades mundiais (cujas características serão analisadas posteriormente com maior detalhe), em que a tecnologia da informação desempenha um papel relevante; esse comando então passa a ser feito pelas empresas por meio de suas bases em territórios globais diversos.

No caminho do desenvolvimento tecnológico e do processo de globalização econômica, novas formas de competição entre empresas e sistemas econômicos moldam-se e prevalecem em diversas áreas. Observa-se, inicialmente, uma integração financeira internacional, com o aumento do vo-

lume e da velocidade de circulação dos recursos disponíveis. Do ponto de vista comercial, a globalização acarreta o desenvolvimento de semelhanças nas estruturas de demanda e homogeneidade das estruturas de oferta dos vários países. A competição entre empresas volta-se não apenas para o produto, mas principalmente para a tecnologia dos processos produtivos (Svetlicic, 1993). A competitividade tecnológica implica também custos elevados em pesquisas para desenvolvimento de produtos existentes e criação de novos produtos e serviços, a sofisticação no atendimento da demanda e a provisão de assistência técnica. As empresas reestruturam-se geograficamente, visando à competição em nível mundial, procurando as vantagens comparativas de cada país.

Por outro lado, os processos produtivos passam a apresentar semelhanças entre as técnicas produtivas e entre os métodos organizacionais e administrativos. Esses processos estimulam a concentração de capital e de mercados e a consolidação de oligopólios. No entanto, muitas vezes essas estruturas de mercado se revestem de rigidez excessiva ante os novos paradigmas baseados em flexibilidade produtiva e distributiva. Algumas pesquisas (Unctad, 1994) mostram que, nessas condições, a oferta de produtos é interligada em âmbito mundial por meio da crescente cooperação entre empresas, que entram em acordos quanto à divisão de mercado, à troca de conhecimentos tecnológicos, compartilhando, muitas vezes, riscos e custos financeiros. O aumento do número de fusões em nível mundial leva à evidência do crescimento da atuação das empresas transnacionais, que, no entanto, se concentram regionalmente, no atendimento dos grandes blocos econômicos que se desenvolveram.

Por outro lado, com a aceleração da globalização, a política econômica de cada país passa a ser grandemente condicionada por fatores externos, visando a atender aos objetivos da competitividade internacional e da participação ativa no processo de inter-relação mundial. Em cada economia nacional, a velocidade da internacionalização das atividades, em grande parte, é influenciada pelas políticas públicas

internas compatíveis com os requisitos do aumento dos fluxos entre países. Nesse contexto, os reflexos da aceleração do progresso tecnológico nas últimas décadas e do processo de globalização econômica foram intensos sobre a natureza e sobre a divisão nacional e internacional do trabalho e, particularmente, sobre a condição de internacionalização dos serviços.

A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS

As transformações na estrutura produtiva não se deram apenas no montante de produto gerado ou nos processos tecnológicos. Em anos recentes, principalmente após a década de 80, a economia mundial caracterizou-se por mudanças substanciais na natureza das atividades manufatureiras, e as demandas por produtos estão sendo atendidas por uma economia mundial, como visto. A internacionalização de capital, que se elevou desde o início deste século com as empresas multinacionais e posteriormente transnacionais, resultou na globalização mundial das atividades econômicas desde os anos 80. A contribuição dos serviços no campo dos transportes e das comunicações facilitou as configurações das instalações de produção das empresas multinacionais. Essas configurações, porém, são sustentadas por serviços sofisticados de construção civil e de planejamento e também por serviços financeiros internacionais. Esses serviços asseguram inter-relacionamentos nos canais de produção e distribuição, desempenhando papel relevante no fluxo da economia internacional. Dessa forma, grupos sofisticados de serviços estão substituindo as atividades manufatureiras tradicionais como setores líderes das economias avançadas e, possivelmente, das economias em desenvolvimento.

Já no primeiro quinquênio dos anos 90, o comércio de instrumentos financeiros intensificou-se mundialmente, a ponto de mostrar maior peso do que o comércio internacional de bens materiais. Estimativas indicam que, para cada dólar utilizado para a compra de bens, cerca de sete a oito dólares foram utilizados em transferências financeiras internacionais em que não estavam envolvidos bens (Daniels e Lever, 1996). En-

quanto o movimento de bens pela economia mundial requer transportes, e a distância e a localização ainda são relevantes na atividade econômica devido ao impacto dos fretes, o movimento de informações, incluindo a informação financeira, não é afetado adicionalmente pela longa distância desde que sejam utilizados para isso sistemas de satélites ou de linhas fixas.

Muitas empresas transnacionais de serviços, em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, decidem por investimentos externos diretos de acordo com as possibilidades de melhor resposta às demandas. Um estudo da ONU, coordenado por Sauvant

**A VELOCIDADE DA
INTERNACIONALIZAÇÃO DAS
ATIVIDADES, EM GRANDE
PARTE, É INFLUENCIADA PELAS
POLÍTICAS PÚBLICAS INTERNAS
COMPATÍVEIS COM OS
REQUISITOS DO AUMENTO
DOS FLUXOS ENTRE PAÍSES.**

(1993), investigou empiricamente os determinantes desses investimentos diretos no exterior. O estudo revelou que, quando as empresas das indústrias de serviços investem no exterior, suas motivações são semelhantes às dos investidores das indústrias manufatureiras, ou seja, as empresas procuram operar em grandes mercados, povoados por culturas não muito diferentes das próprias, com um montante mínimo de restrições governamentais, fornecendo para firmas que são clientes preestabelecidos de seu próprio país. As firmas das indústrias oligopolistas tendem a ser particularmente ativas, pois as barreiras à entrada limitam o alcance da livre entrada de firmas marginalmente lucrativas. No entanto, ainda que as empresas de serviços sejam atreladas a uma determinada localização, a tecnologia está começando a mudar esse atributo.

Assim, as exportações de serviços, bem como as importações, são uma parte importante do processo de internacionalização à medida que os mercados globais se tornam mais relevantes para as relações

econômicas. Muitas cidades, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, defrontaram-se, nos anos 60, com disparidades no crescimento e colapsos periódicos nos mercados de terra, trabalho e moradias, bem como com outras tendências econômicas. Na medida em que o processo de internacionalização exigia certas transformações na infra-estrutura econômica, principalmente por meio de atividades de serviços, essas regiões puderam observar uma recuperação com relação ao decréscimo do desenvolvimento econômico e um aumento das oportunidades de emprego, embora as ofertas de trabalhos para a mão-de-obra não-qualificada tenham progressivamente diminuído e a demanda por profissionais qualificados tenha aumentado significativamente.

A internacionalização da economia mundial na década de 80 reforçou a posição de muitas cidades desenvolvidas na hierarquia financeira global. O caso da região metropolitana de Nova York é um bom exemplo dos efeitos da internacionalização dos serviços (Warf, 1991). Essa cidade, desde meados dos anos 70, demonstrou sintomas de decadência urbana: queda da renda *per capita*, declínio das receitas de impostos, alto desemprego, piorado por um abandono em massa de firmas manufatureiras, êxodo das sedes de grandes corporações, colapso dos mercados de imóveis e consternação da comunidade de negócios. No entanto, nos anos 80, Nova York experimentou um ressurgimento dramático e tornou-se uma das partes economicamente mais saudáveis dos Estados Unidos, com os indicadores econômicos acima mencionados mostrando-se novamente em uma situação consideravelmente boa. As razões para essa mudança residem grandemente na orientação internacional do crescimento da região, como parte do eixo tripartite que domina a geografia global das finanças, juntamente com Londres e Tóquio. Muito dessa tendência deveu-se à internacionalização da economia de serviços, embora seja errôneo atribuir a recuperação da região inteiramente ao setor de serviços. A cidade de Nova York ainda tem mais empregos manufatureiros do que outras cidades industriais dos Estados Unidos, mas os serviços financeiros e auxiliares às empresas, particularmente os mais internacionalizados, foram primeiramente responsáveis pela recuperação da região. Outras cidades mundialmente dinâmicas da Europa e da Ásia passaram por processos semelhantes desde os anos 70.

A desregulação dos serviços financeiros e o advento de modos avançados de comunicação intensificaram a internacionalização de firmas de servi-

ços financeiros. A globalização da economia mundial criou um novo papel para as cidades que são eixos internacionais de negócios e para aquelas que são ligadas pela tecnologia da telecomunicação. Originalmente, as atividades bancárias internacionais desenvolveram-se como um complemento do comércio internacional, pois é um imperativo das instituições financeiras ter a presença física próxima ao cliente e uma presença ativa nos mercados mais relevantes a fim de realizar efetivamente os negócios que são intensificados por conexões diretas confiáveis. Apenas recentemente, as atividades bancárias internacionais e o comércio internacional se colocam separadamente como duas partes de uma rede mundial em vez de formarem uma unidade. Na atualidade, os mercados financeiros operam 24 horas diariamente auxiliados pela transferência eletrônica de informações e de fundos ao redor do mundo.

Os serviços financeiros eletrônicos tornam possível a dispersão das indústrias de serviços financeiros, embora essas atividades estejam sujeitas tanto a forças centrífugas quanto centrípetas. Alguns aspectos da indústria de serviços financeiros beneficiam-se da centralização de suas atividades, devido a economias de escala na coleta e processamento de informações. No entanto, outros aspectos são favorecidos pela descentralização, por exemplo, quando a informação onerosa sobre clientes locais, pequenas firmas e condições específicas de mercados locais apontam para a necessidade de contato frontal direto e de operações descentralizadas ou quando as diferenças nacionais e internacionais nos fusos horários impõem outras deseconomias de centralização.

Apoiadas pela base financeira, outras atividades de serviços vêm se difundindo mundialmente, visando ao atendimento de assessoria a empresas ou à demanda de serviços de consumo familiar. No caso do Brasil, além da importação de serviços financeiros e de telecomunicações, uma série de empresas prestadoras de serviços de outros países vem investindo no mercado nacional, mais intensamente no segundo quinquênio dos anos 90, principalmente por meio de franquias. Trata-se, particularmente, de serviços de limpeza doméstica, ofi-

cinas mecânicas, cabeleireiros, lavanderias, locação de veículos, redes de *fast-food*, serviços hospitalares e de equipamento em domicílio, entre outros. A globalização desses serviços tem provocado, em médio prazo, redução de preços do setor no mercado brasileiro, tendo em vista que, de uma forma geral, esses serviços utilizam padrões de qualidade e de eficiência (estabelecidos pela matriz) superiores aos similares nacionais, resultantes da tecnologia utilizada ou de insumos importados para sua operacionalização, com ganhos de escala e, muitas vezes, com processos automatizados. A importação desses serviços apresenta reflexos consideráveis no comércio internacional e no balanço de pagamento dos países.

OS SERVIÇOS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

De uma forma geral, os serviços desempenham um papel crescentemente importante nas relações econômicas entre as nações, além do papel considerável nas economias nacionais em todos os níveis de desenvolvimento (particularmente nas economias mais avançadas). Os serviços são responsáveis por uma parcela crescente do comércio internacional, como pode ser visualizado na Tabela 1, que ilustra a evolução do mercado global para bens e serviços desde a década de 70 e a posição das principais economias do mundo nesse campo. Essas informações foram coletadas pelas Nações Unidas e classificadas em grupos de países, como segue:

- a) Países desenvolvidos: Canadá e Estados Unidos (América do Norte); Israel e Japão (Ásia); Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália, Holanda, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido (Europa); África do Sul; Austrália e Nova Zelândia (Oceania);
- b) Países em desenvolvimento: México e todos os países da América do Sul e Central (América); todos os países da África, exceto África do Sul (África); todos os países da Ásia, exceto Israel e Japão (Ásia); Malta, a anterior Iugoslávia, Albânia, Bulgária, a anterior Checoslováquia, Hungria, Polônia e

Romênia (Europa); Fiji, Kiribati, Papua-Nova Guiné, Samoa, Ilhas Solomon, Tonga e Vanuatu (Oceania).

Deve ser salientado que existem problemas na mensuração do papel dos serviços no comércio internacional, devido não apenas ao fato de que os serviços adicionam valor ao comércio internacional, mas também pelo fato de que eles não precisam ultrapassar a fronteira para serem realmente comercializados. Como explicitado por Nusbaumer (1987, p. 33), tradicionalmente, o comércio implica uma troca de propriedade entre o fornecedor residente em uma nação e o comprador ou consumidor residente em outra, e os economistas têm assumido usu-

**EM ANOS RECENTES,
PRINCIPALMENTE APÓS A
DÉCADA DE 80, A ECONOMIA
MUNDIAL CARACTERIZOU-SE
POR MUDANÇAS SUBSTANCIAIS
NA NATUREZA DAS ATIVIDADES
MANUFATUREIRAS, E AS
DEMANDAS POR PRODUTOS
ESTÃO SENDO ATENDIDAS POR
UMA ECONOMIA MUNDIAL.**

almente que os bens são objetos normais de troca entre diferentes países. Desde que os serviços estão participando com uma parcela maior no comércio internacional, lidando com as trocas de serviços ou com as transações internacionais de serviços, a definição de comércio internacional tem sido adaptada à realidade das trocas de produtos invisíveis ou imateriais e à transferência de conhecimento entre unidades econômicas e países. Tais transferências de conhecimento são intangíveis em caráter, mas podem ser efetuadas em longas distâncias, com a presença simultânea do que transfere e do transferido, dependendo do modo de transmissão utilizado.

No entanto, ainda que os dados sobre importações e exportações de bens e serviços não possam revelar as características acima mencionadas do comércio de serviços e não possam ser ajustados ao

Tabela 1 - Exportações e importações de bens e serviços (em bilhões de dólares americanos)

Economias	Bens		Serviços	
	Exportações	Importações	Exportações	Importações
Desenvolvidas				
1970	221	214	88	84
1980	1.255	1.327	555	520
1993	2.544	2.449	1.561	1.562
América				
1970	59	54	27	26
1980	292	309	131	104
1993	601	726	323	294
Ásia				
1970	20	17	5	6
1980	133	134	35	47
1993	366	230	211	217
Europa				
1970	133	134	54	46
1980	778	841	379	348
1993	1.501	1.419	1.003	1.009
África do Sul				
1970	3	4	1	2
1980	26	18	4	8
1993	24	18	4	9
Oceania				
1970	6	5	1	3
1980	27	25	6	13
1993	53	51	19	32
Em desenvolvimento				
1970	55	54	14	26
1980	555	443	120	209
1993	976	1.006	279	364
América				
1970	16	16	5	9
1980	105	110	35	64
1993	141	161	56	92
África				
1970	13	11	2	6
1980	96	76	15	37
1993	67	75	26	44
Ásia				
1970	23	23	5	10
1980	343	240	64	101
1993	748	753	191	221
Europa				
1970	2	3	1	1
1980	10	15	5	7
1993	17	15	5	5
Oceania				
1970	0,2	0,4	0,1	0,1
1980	1,0	2,0	0,4	1,0
1993	3,0	2,0	1,0	2,0

Fonte: *UN handbook of international trade and development statistics*, United Nations, 1995.

tamanho da população, renda *per capita* e progresso tecnológico, é possível efetuar-se análises relevantes a partir das informações disponíveis. Primeiramente, o grau de interdependência das principais economias que realizam o comércio internacional aumentou rapidamente de 1970 a 1993, tanto para os bens quanto para os serviços e, no caso dos serviços, a tendência de crescimento também foi muito marcante. Em segundo lugar, a disparidade entre o grau de interdependência das principais economias e das economias de menor nível de desenvolvimento é grande e crescente.

Dessa forma, na economia internacional, as atividades de serviços estão localizadas no contexto de crescimento da dependência ou interdependência econômica global. Embora os países em desenvolvimento mostrem um maior nível de dependência em relação aos mais avançados, as economias modernas também revelam um grau de dependência de suprimentos e de mercados externos, como indicado pelo montante de importações. Essa dependência ou interdependência é representada por todas as formas de intercâmbio econômico que ocorrem por meio da compra e venda de bens e serviços entre fronteiras e por meio da produção direta de indivíduos ou empresas de uma nação no território de outra nação. Vários fatores afetam a significância dessa (inter) dependência para os vários países, dependendo do tamanho de seus mercados, de sua população (consumidores), de sua renda *per capita* e do nível de progresso tecnológico de cada economia.

No entanto, com relação à interdependência dos serviços, não é possível sua mensuração apenas por meio dos dados de comércio internacional, porque os serviços são uma parte integrante do processo de produção de bens, no que se refere à integração econômica, como já mencionado. Assim, as mudanças no conteúdo dos serviços nos bens no decorrer do tempo, ou seja, o fato de que os bens estão se tornando “intensivos em serviços”, também deveriam ser consideradas na avaliação da contribuição dos serviços na interdependência global. Infelizmente, essas informações ainda não são disponíveis nas estatísticas gerais.

Porém, como é possível observar a par-

tir da Tabela 2, em 1993, a parcela dos serviços em relação à participação dos bens no comércio internacional, com relação tanto às exportações quanto às importações, situou-se acima de 30% para os países desenvolvidos e acima de 26% para os em desenvolvimento, mostrando uma tendência de crescimento, como é possível constatar a partir das significativas taxas anuais de crescimento desde 1980. É interessante notar que, embora exista uma tendência esperada de os países em desenvolvimento importarem um montante maior de serviços do que de exportarem, para a maior parte das economias avançadas, com exceção das da América do Norte, a parcela de importações de serviços também é superior à das exportações, confirmando a interdependência dos mercados globais.

No caso do Brasil, a participação da exportação dos serviços em relação à dos bens foi de aproximadamente 12,7% no período e, portanto, consideravelmente inferior à média dos países em desenvolvimento da América, aproximando-se mais, no entanto, da média da América do Sul, que foi de 18,8%. Por outro lado, no que se refere às importações de serviços, a participação do país em relação aos bens importados situou-se em 40%, superior à dos demais países em desenvolvimento da América e da América do Sul, situada em torno de 36%. Portanto observou-se um resultado negativo ou deficitário no equilíbrio da conta corrente do balanço de pagamentos brasileiro, que vem se repetindo e se intensificando para os demais anos da década de 90.

A composição do comércio internacional de serviços entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, bem como entre os países dentro de cada grupo e região, revela a especialização de cada economia. Por exemplo, os países europeus são muito mais especializados em turismo do que as outras nações, como é observado a partir da parcela relacionada a Viagens na distribuição das exportações. Essa espécie de serviços apresenta a segunda maior taxa anual de crescimento no comércio internacional para todos os países. A maior participação é encontrada nos serviços denominados Outros, que incluem principalmente assistência técnica e consultoria para novos processos produtivos, informação, telecomunicação e outros serviços de informática, refletindo a acima mencionada transferência de conhecimento. Essas atividades representam uma parcela importante de serviços de exportação principalmente nos países desenvolvidos americanos e asiáticos, nos quais os produtores e distribuidores desses se-

tores têm à sua disposição um montante maior de meios modernos de informação e conhecimento, mas também são consideráveis em outros países em desenvolvimento, com exceção dos localizados na Europa, devido à situação econômica e política pela qual estão passando os países europeus menos desenvolvidos.

No que se refere ao Brasil, a composição das exportações de serviços é bastante diferenciada da dos demais países de nível aproximado de desenvolvimento, afastando-se muito dos mais desenvolvidos, apresentando uma divisão quase balanceada (de 26% a 30%) entre os serviços de Seguros, Viagens e Outros e inferior (em torno de 17%) para os Transportes. No entanto, com relação às importações, a participação do item Outros, que, como vi-

mos, inclui grande parte da transferência de conhecimento, totalizou quase 37% no ano pesquisado, a dos Transportes representou acima de um quarto do total, enquanto a das Viagens representou pouco acima de 20%. As informações para o Brasil revelam taxas de crescimento anuais consideráveis entre 1980 e 1993 para as exportações de serviços de Viagens (17,1%), ou seja, de gastos no país realizados por turistas e homens de negócios procedentes do exterior e temporariamente em viagem pelo país. Também revelam taxas consideráveis de crescimento as exportações de Transportes (10,6%), ou seja, os fretes internacionais pagos pelos residentes em outros países pela utilização da infra-

Tabela 2 - Comércio exterior de serviços - exportações e importações em 1993 (%)

Economias	Serviços s/% dos bens	Distribuição do Comércio de Serviços (1993)				Taxas anuais de crescimento (1980-93)			
		Seguros	Transportes	Viagens	Outros	Seguros	Transportes	Viagens	Outros
Exportações									
Desenvolvidos	30,3	3,0	4,1	81,9	11,0	3,8	5,2	8,7	9,6
América	30,9	5,0	19,9	39,4	35,7	3,9	8,9	12,8	17,4
Ásia	16,5	20,4	20,9	10,4	48,3	2,5	4,9	10,5	12,8
Europa	33,7	0,4	0,4	97,6	1,5	4,0	33,0	7,1	8,1
África do Sul	15,0	11,9	32,8	46,6	8,7	1,7	0,0	6,3	-0,5
Oceania	31,5	7,6	29,7	41,8	20,8	33,8	5,7	12,5	10,3
Em desenvolvimento	26,2	10,8	16,2	36,7	36,2	8,4	4,5	8,6	9,5
América	34,4	7,0	16,4	45,6	31,0	4,3	3,0	6,9	7,8
Brasil	12,7	29,8	17,2	25,7	27,3	4,8	10,6	17,7	3,7
África	39,3	6,2	29,6	34,2	29,9	-3,0	4,2	6,5	8,5
Ásia	22,2	12,8	13,2	33,9	40,1	13,2	5,6	11,2	11,1
Europa	32,5	4,5	82,1	9,8	3,6	4,8	2,9	-0,8	-6,2
Oceania	34,3	4,9	19,7	35,4	39,9	13,7	6,4	5,9	20,5
Importações									
Desenvolvidos	31,8	13,2	17,0	31,9	37,9	4,6	5,2	8,8	10,3
América	20,4	10,5	17,6	39,8	32,1	4,9	7,4	10,7	15,5
Ásia	46,9	10,5	24,5	29,6	35,4	6,7	4,2	14,3	10,8
Europa	35,1	14,3	14,8	30,0	40,9	4,4	4,9	7,5	9,4
África do Sul	30,5	25,9	21,1	38,8	14,2	0,8	1,6	7,2	-1,3
Oceania	35,2	20,5	25,0	30,3	24,2	2,3	5,8	5,9	8,9
Em desenvolvimento	27,2	28,7	13,6	24,4	33,3	3,9	4,7	6,5	6,3
América	30,3	23,0	18,7	35,9	22,3	3,9	11,5	4,0	4,2
Brasil	40,0	15,8	26,4	21,1	36,7	6,6	0,5	13,2	7,3
África	35,6	45,5	16,4	25,3	12,8	-1,1	0,7	1,8	0,8
Ásia	25,9	30,2	12,0	22,7	35,1	5,6	9,0	9,3	9,4
Europa	33,8	20,3	18,0	8,4	53,3	2,7	2,9	9,7	1,1
Oceania	62,0	25,0	4,3	10,8	60,0	2,1	-2,0	10,3	17,2

Fonte: *UN handbook of international trade and development statistics*, United Nations, 1995.

estrutura e dos meios de transporte pertencentes a empresas nacionais. Em contrapartida, as importações de serviços de Viagens, ou os gastos de brasileiros no exterior, também mostraram um crescimento anual significativo (13,2%), mas as taxas para importações de Transportes foram pouco significativas no ano analisado.

Além da expansão internacional das atividades de serviços em virtude, principalmente, das inovações no campo da telemática ou das tecnologias de telecomunicação, desde a década de 60, tem sido notado o crescimento considerável dos investimentos estrangeiros diretos por empresas de serviços dos países avançados, que desempenham um papel significativo no equilíbrio da balança de pagamentos dos países. Desde esse período até os anos 80, por exemplo, os fluxos de investimentos diretos no exterior na área de serviços originados dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Japão triplicaram (Nusbaumer, 1987, p. 164). É possível constatar que o investimento direto em serviços é complementar ao comércio internacional em serviços. Em certos setores, como o bancário e o de seguros, a comunicação internacional por meio da telemática permite interligações mais estreitas entre as ramificações e as subsidiárias das empresas que operam em diferentes mercados; também se intensificam entre as empresas financeiras e seguradoras que operam em âmbito mundial e as empresas multinacionais do setor de produção de bens. Essas instituições financeiras e de seguros necessitam expandir suas atividades em novos domínios e regiões, estabelecendo uma presença em mercados distantes, e cada subsidiária age como um ponto de contato numa rede global de fluxos de informações e de conexões de negócios.

A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS E OS EFEITOS REGIONAIS

Além dos aspectos acima discutidos acerca das relações entre o processo de reestruturação econômica e o aumento das atividades de serviços, algumas pesquisas recentes examinam os efeitos regionais da internacionalização dos serviços. Como salientado anteriormente, desde os anos 60, foi observado

um aumento nas redes definidas pelas corporações transnacionais para articular a internacionalização da produção e dos serviços, que deram proeminência às “cidades mundiais”. Nesse contexto foi observada uma reestruturação da hierarquia urbana mundial.

Uma pesquisa desenvolvida pelo Nomura Research Institute (Rimmer, 1991) na década de 80 apresentou resultados relevantes para a consolidação dos conceitos relacionados às características dos impactos regionais da internacionalização dos serviços, fortemente prevaletentes na atualidade. A pesquisa analisou a forma e a força de integração dos centros urbanos no sistema capitalista mundial, focalizando as denominadas “cidades mundiais”, e estudou 345 cidades em relação a 20 atributos que refletiam serviços pessoais, transações de mercadorias e outras transações comerciais, fluxos internacionais de informação e financeiros. Foram eliminadas da pesquisa 178 cidades (incluindo Xangai, Fukuoka, Dacca, Veneza e Bordeaux) por não atingirem o patamar mínimo de requisitos para serem reconhecidas como “cidades internacionais”. As cidades remanescentes foram classificadas em três níveis de cidades internacionais: a) 8 cidades foram classificadas em uma terceira ordem de importância devido às transações comerciais (por exemplo, Akron, Bagdá, Birmingham, Nagoya e Stuttgart); b) 57 foram classificadas como de segunda ordem de importância como cidades internacionais, pois refletiam, além dessas funções, uma vantagem adicional em relação a serviços pessoais (Bombay, Osaka, Roterdã e Taipei, por exemplo); c) no grupo de primeira ordem, situaram-se Nova York, Londres, Paris, Cingapura, Sidney, Melbourne e Tóquio. Esse tipo de “superclasse” de cidades consolidava-se naquele período impulsionado pelas redes eletrônicas globais, que permitem que a informação seja centralizada. Outras 25 cidades também puderam ser classificadas na primeira ordem de relevância, de acordo com sua força superior de atratividade, no que se refere a fluxos de informações e transações financeiras. Os três níveis de cidades internacionais concentravam-se mais intensamente na América do Norte, Europa Ocidental e, em menor extensão, na Ásia Oriental. A presença desse fenômeno foi mais escassa na África Central, na América do Sul e em outras partes da Ásia. Embora, na atualidade, a dinâmica da globalização tenha transformado também a posição hierárquica das cidades do mundo, incluindo como “cidades mundiais” algumas novas regiões e elevando a ordem de importância de outras, a pesquisa confirmou pela primeira vez a caracterização do peso dos serviços na

distribuição regional do desenvolvimento mundial, a partir da tecnologia da informação e da infraestrutura de transportes.

Do ponto de vista interno das regiões de uma nação, também existem evidências consideráveis que sugerem transformações espaciais significativas decorrentes da disponibilidade de uma infraestrutura de serviços mais completa. O sistema de lugares-centrais indicado por Christaller em 1937, que descrevia uma hierarquia de tamanhos urbanos de acordo com certas funções fornecidas por cada cidade, era derivado de um contexto regional encontrado historicamente nos mercados da Alemanha meridional. O desenvolvimento de indústrias manufatureiras salientou a concentração de atividades em lugares-centrais desde o início do século. No entanto, as versões modernizadas desse modelo refletem processos e padrões em uma escala global, em que a concentração de serviços às empresas em grandes aglomerações urbanas é considerada contribuinte de um novo sistema de amplitude mundial de lugares-centrais (Jaeger e Durrenberger, 1991), e situam no nível mais elevado as “cidades mundiais” de Nova York, Londres e Tóquio.

Quando se observa o sistema regional brasileiro, constata-se uma série de regiões metropolitanas que apresentam serviços de infra-estrutura e que atuam em diferentes graus como forças aglomerantes, porém com relevância significativa apenas dentro do contexto nacional (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza e Porto Alegre) (Kon, 1995). Apenas as metrópoles de São Paulo (em maior grau) e Rio de Janeiro revelam características de “cidades internacionais”, como fornecedoras mais intensivas de serviços que interligam empresas em uma amplitude mundial.

A nova hierarquia de tamanho urbano, no entanto, não coincide necessariamente com as mesmas funções relevantes para todas as cidades. Jaeger (1991) exemplifica com o caso da Suíça, em que Zurique se situa no topo da hierarquia devido à indústria de serviços financeiros; Basel destaca-se por sua forte indústria química orientada para exportações e Berna, pelo fato de ser a capital e de concentrar a maior parte da burocracia nacional. Dessa forma, uma cidade pode ser um lugar-central em uma dimensão e periférica em outra. A mesma característica é encontrada em outras nações do mundo.

No centro dessas transformações está a crescente importância dos serviços em geral e de sua dinâmica espacial em particular, bem como o desenvolvimento

mais veloz dos serviços, na atualidade, com relação ao setor secundário. No entanto, são observadas diferentes espécies de transformações nos diversos países. Em certos países, como a Inglaterra, por exemplo, foi encontrado um forte relacionamento entre industrialização e urbanização após a Segunda Guerra Mundial. O primeiro impacto foi um período simultâneo de industrialização e urbanização, seguido do declínio das atividades industriais nos anos 60, associado a um processo de desconcentração da população e de atividades de serviços, mas com a concentração de uma infra-estrutura de serviços mais sofisticados com o desenvolvimento das “cidades mundiais” específicas. Por outro lado, em outros países, como, por exemplo, a Itália, não houve um relacionamento óbvio entre a industrialização e a urbanização. Em uma parte do país, o processo de concentração populacional decresceu enquanto o processo de industrialização se consolidou; porém, em outras áreas, um processo relativamente lento de concentração populacional continuou ocorrendo juntamente com o desenvolvimento industrial sustentado, e não foi reforçada qualquer hierarquia espacial em escala nacional. Nesse caso, o processo de desconcentração de serviços complementares também se consolidou, porém os pólos de desenvolvimento regional desenvolveram uma forte concentração de redes de serviços modernos.

A descentralização das atividades do setor secundário foi um fenômeno internacional nas décadas de 60 e 70, e a recessão mundial que se seguiu diminuiu as oportunidades de investimentos e desviou enormes somas de recursos de capital do setor manufatureiro para os serviços financeiros. A descentralização geral da produção é atribuível à concentração de serviços às empresas que se elevou consideravelmente com esses fundos disponíveis. Porém alguns autores salientam que o decréscimo das indústrias manufatureiras urbanas em alguns países desenvolvidos naquele período foi causado, em um grau substancial, pela combinação de escassez de terras disponíveis e insatisfação da mão-de-obra industrial, o que resultou em uma elevação mais rápida dos custos salariais em relação ao crescimento da produtividade. Esse fato é

considerado uma das maiores razões para a subsequente descentralização da produção, desde que essa descentralização foi atingida especialmente por meio da subcontratação de pequenas firmas para etapas específicas do processo de produção sem a intervenção de sindicatos ou, então, por meio do estabelecimento de plantas de produção em filiais regional e internacionalmente desconcentradas.

Em muitos países, essa descentralização caracterizou-se pela separação espacial entre os escritórios administrativos centrais e as plantas produtivas ramificadas, com uma reorganização interna de funções que promoveu uma divisão espacial de trabalho. Muitas vezes, essa nova estrutura industrial foi composta por firmas pequenas e médias. São distinguidos, na literatura, três modelos de firmas pequenas (Jaeger e Durrenberger, 1991): a) a “artesanal tradicional”, representada por um artesão habilitado que fornece para o mercado local; b) o “subcontratante dependente”, uma firma pequena que vende principalmente para uma única grande firma; e c) uma “firma pequena no distrito industrial”. O mercado dessas firmas pode ser nacional ou internacional; a produção é verticalmente desintegrada em unidades altamente competitivas e não se apresenta uma dominação por uma única firma grande. Os subcontratantes, na maioria das vezes, são independentes, pois fornecem para várias firmas simultaneamente. A maquinaria é bastante sofisticada e, em parte, requer trabalhadores altamente qualificados, porém existem também algumas tarefas simples a serem desempenhadas. Nessas firmas pequenas, o *marketing*, a pesquisa e as atividades de desenvolvimento são comprados de firmas externas, localizadas nas cidades em que os contatos com as firmas locais são garantidos e os benefícios das economias de aglomeração são ressaltados. Assim, é observada uma centralização dos serviços às empresas em áreas que apresentam uma estrutura produtiva verticalmente desintegrada.

Pesquisas recentes (Howland, 1996) sugerem que os serviços que têm maior possibilidade de, por um lado, apresentar um movimento de internacionalização e, por

outro, acarretar impactos regionais relevantes são os relacionados à informática e os bancários. No entanto, quando esses serviços se deslocam de países mais avançados - em que são centralizados em grandes regiões metropolitanas - para países menos avançados, de um modo geral, isso ocorre não por razões de menores custos de produção, desde que requerem mão-de-obra qualificada e estrutura de apoio sofisticada, mas devido ao acesso e à proximidade dos mercados. Apesar das predições de que a mudança tecnológica nas telecomunicações tornará a concentração nas áreas urbanas

AS EXPORTAÇÕES DE SERVIÇOS, BEM COMO AS IMPORTAÇÕES, SÃO UMA PARTE IMPORTANTE DO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO À MEDIDA QUE OS MERCADOS GLOBAIS SE TORNAM MAIS RELEVANTES PARA AS RELAÇÕES ECONÔMICAS.

obsoleta, a proximidade espacial continua a ser uma força motivadora na localização da maior parte das atividades bancárias e de informática, pois estas exigem um contato cliente-produtor mais pessoal e direto.

Dessa forma, observa-se uma reorganização espacial de atividades e de áreas de influência econômica, tanto mundial quanto internamente aos países, como decorrência das transformações na internacionalização dos serviços. Essas mudanças referem-se à natureza do comércio internacional dessas atividades, bem como à intensificação e à velocidade desse comércio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia mundial apresenta-se constantemente em transição. O conceito de transição implica mudança gradual e evolucionária de uma condi-

ção estrutural a outra, resultante de fatores não apenas econômicos mas também políticos e sociais. Nesse sentido, a atual situação de globalização econômica evoluiu desde as trocas internacionais de produtos do século XVI, que caracterizaram a internacionalização comercial, passando em seguida pela internacionalização financeira, pela internacionalização da produção por meio de empresas multinacionais até a produção internacional conjunta de um produto, ou seja, do desmembramento do processo produtivo para a produção e montagem do produto em diferentes regiões mundiais.

Nessa evolução da internacionalização produtiva, a mercadoria representada por bens materiais tem sido particularmente objeto de comércio internacional e, tradicionalmente, os serviços têm sido considerados como não comercializáveis internacionalmente (*non-tradable*) devido à sua natureza não-material. Com a intensificação da mudança tecnológica na área de transportes, comunicações e particularmente com o advento da economia da informação facilitada pela difusão da microeletrônica, as transformações produtivas e a intensificação da internacionalização econômica tiveram como resultados indiretos a crescente integração dos serviços com os processos produtivos das mercadorias. Esses processos produtivos dos bens passaram gradativamente a se revelar intensivos em serviços; a eficácia da distribuição internacional das mercadorias e da difusão do conhecimento e da informação assume papel significativo no sistema econômico globalizado. Conseqüentemente, também se elevam a intensidade e a velocidade da comercialização internacional de serviços, que, na atualidade, são reconhecidos como mundialmente comercializáveis (*tradable*).

O mercado internacional para serviços ampliou-se consideravelmente, desde que a incerteza econômica por parte das firmas e dos países se elevou e ajustes no seu comportamento se tornam cada vez mais necessários, visando à contenção de custos e à competição nos mercados mais dinâmicos. A atualização da informação e do conhecimento sobre processos organizacionais e produtivos é uma busca constante, e os fluxos internacionais desses insumos resultam da ampliação da concorrência globalizada.

A nova divisão internacional do trabalho que vem se delineando a partir dessa dinâmica se configura grandemente pela especialização crescente em setores terciários que apresentam tecnologias mais sofisticadas, pelos países cuja dotação de uma força de trabalho mais qualificada é uma vantagem comparativa, desde que a qualificação na atualidade é um condicionante imprescindível para a ampliação desses serviços. O modelo de comércio internacional de Heckscher-Ohlin, que enfatiza a relação entre a dotação de recursos e a vantagem comparativa de cada país, vem sendo fortemente comprovado por constatações empíricas: os países tendem a exportar bens e serviços cuja produção faça uso intensivo dos seus fatores mais abundantes (World Bank, 1995). Os dados empíricos analisados neste artigo comprovam um maior coeficiente de exportação de serviços em relação às mercadorias para países em que a mão-de-obra é mais qualificada. ○

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANIELS, Peter W., LEVER, William F. (Orgs.). *The global economy in transition*. Harlow: Longman, 1996.

HOWLAND, Marie. Producer services and competition from offshore: US data entry and banking. In: DANIELS, Peter W., LEVER, William F. (Orgs.). *The global economy in transition*. Harlow: Longman, 1996.

JAEGER, Carlo, DURRENBERGER, Gregor. Services and counterurbanization: the case of Central Europe. In: DANIELS, Peter W. (Ed.). *Services and metropolitan development*. London: Routledge, 1991.

KON, Anita. *Economia industrial*. São Paulo: Nobel, 1994.

KON, Anita. *Regiões metropolitanas brasileiras: índices de diferenciação*. São Paulo: NPP/EAESP/FGV, 1995. (Relatório, 5).

KON, Anita. *Services industry and service economy*. s.l.: EAESP/FGV, dez. 1996. (Texto para Discussão, 63).

LERDA, Juan Carlos. Globalização da economia e perda da autonomia das autoridades fiscais, bancárias e monetárias. In: BAUMANN, R. *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

NUSBAUMER, Jacques. *Services in the global market*. Boston: Kluwert Academic Publishers, 1987.

RIMMER, Peter. The global intelligence corps and world cities: engineering consultancies in the move. In: DANIELS, Peter W. (Ed.). *Services and metropolitan development*. London: Routledge, 1991.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: _____. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAUVANT, Karl P. *The transnationalization of service industries*. New York: UN, Transnational Corporation and Management Division, 1993.

SVETLICIC, Marjan. Globalization, economic integration and political disintegration. *Development & International Cooperation*, v.16, n.9, June 1993.

UNCTAD. Transnational corporations, employment and the workplace. *World Investment Report*, Geneva, 1994.

WARF, Barney. The internationalization of New York services. In: DANIELS, Peter W. (Ed.). *Services and metropolitan development*. London: Routledge 1991.

WORLD BANK. *World Development Report/1995*. Washington, Oxford UP, 1995.